2 JOÃO
ÍNDICE

2 JOHN

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Second Letter of John

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

… Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO

ÍNDICE

Prefácio
Introdução Geral
Introdução à Segunda e Terceira de João
Capítulo 1

PREFÁCIO ÀS CARTAS DE JOÃO E JUDAS

As Cartas de João são da maior importância pela luz que lançam sobre o pensamento e a teologia do Novo Testamento, e pela informação que proporcionam sobre a organização da Igreja em seus primeiros tempos. E há poucos livros que mostram com maior clareza os perigos das heresias e das correntes de pensamento errôneas que brotavam dentro da Igreja mesma.

Embora não há muitos Comentários excepcionais sobre estas Cartas, os que existem são de primeira categoria. Há comentários sobre o texto grego. O de A. E. Brooke no *International Critical Commentary* é um tesouro de informação. O de B. F. Westcott nos Comentários Macmillan é caracterizado por sua original combinação de precisão erudita e cálida devoção. Há comentários sobre o texto inglês. O de A. Plummer no *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, embora de antiga data, já que foi publicado em 1883, segue sendo um contribua com excelente e de soma utilidade.

Contudo, a contribuição sobressalente sobre estas Cartas é aquela que escreveu C. H. Dodd no *Moffat Commentary*. É, sem lugar a dúvida, um dos melhores Comentários na língua inglesa, mesmo quando se baseia no texto inglês e não sobre o texto grego. Teria resultado fastidioso detalhar cada uma de minhas dívidas a C. H. Dodd; só posso dizer aqui e agora que dificilmente haja uma página deste livro que não lembre uma dívida para com ele.

Pode ser que as Cartas de João não figurem entre os livros mais lidos do Novo Testamento. É minha esperança e minha súplica que este Comentário consiga fazer ver freqüentemente o valor que encerra e sua relevância.

A breve Carta de *Judas* é um livro muito pouco conhecido. Está em estreita ligação com 2 Pedro, visto que esta em grande medida se apóia nela e a contém. É uma Carta muito difícil de entender, inclusive para os eruditos da Bíblia, já que transcorre num âmbito de pensamento e representações totalmente diferente. Toma muito de seu pensamento, imagens e ilustrações, não do Antigo Testamento mas sim dos livros que foram escritos entre o Antigo e o Novo Testamento, livros virtualmente desconhecidos para nós mas imensamente populares em seus próprios dias. Por essa razão em várias oportunidades foi necessário dedicar-lhe muito espaço, e deve ser lido em estreita relação com 2 Pedro. Mas estou seguro de que o esforço mental de lê-lo à luz do anterior valerá a pena.

Judas usualmente é estudado não em forma isolada mas sim conjuntamente com 1 e 2 Pedro. No *International Critical Commentary* os três livros são estudados em conjunto por C. Bigg. No *Moffatt Commentary* é incluído no volume *The General Epistles*, preparado pelo próprio James Moffatt. Mais uma vez as três Cartas são tratadas em conjunto por E. H. Plumptre no *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. O mais extenso Comentário sobre ela aparece no volume de J. B. Mayor sobre 2 Pedro e Judas nos Comentários Macmillan. No *The Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um breve e excelente trabalho de M. R. James.

Se Judas tiver sido esquecido, foi injustamente, porque há poucos livros no Novo Testamento que, adequadamente compreendidos, mostram mais vividamente os riscos das falsas doutrinas e do ensino ética errado que ameaçavam a Igreja primitiva.

Espero que este livrinho capacite a seus leitores para compreender melhor a Judas, e assim valorizá-lo como é devido.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1960.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinos dos livros

do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO À SEGUNDA E TERCEIRA DE JOÃO

A própria brevidade destas duas pequenas Cartas é a melhor garantia de sua genuinidade. São tão concisas e, relativamente tão pouco importantes, que ninguém se preocupou de inventá-las nem de atribuir-lhe a João. Uma folha de papiro de tamanho comum media ao redor de vinte por vinte e cinco centímetros, e a longitude destas Cartas ocuparia quase exatamente uma folha cada uma.

O ancião

Tanto de uma como de outra, diz-se que provêm de "O ancião" (Trad. Reina-Valera). 2 João começa: "O ancião à senhora eleita e aos seus filhos." 3 João começa: "O ancião a Gaio, o amado." É difícil que se trate de um título oficial ou eclesiástico. Anciãos eram os oficiais que eram atribuídos às congregações, e cuja jurisdição certamente não se estendia mais além da congregação sobre a qual exerciam seu ministério, enquanto que o autor destas Cartas certamente assume o direito de falar não só em sua congregação, mas também em outras onde não está presente em pessoa. Fala como quem tem autoridade para toda a Igreja. A palavra é *presbyteros*, e originariamente significou *um homem de idade, um ancião*, não num sentido oficial mas no literal do termo. Procedemos corretamente se o traduzirmos por ancião, ou *O mais velho*, títulos que não surgem de uma disposição ou hierarquia oficial mas sim

da própria personalidade, idade e autoridade que o escritor manifesta através de suas Cartas.

Sabemos que em Éfeso vivia um ancião João que tinha uma posição muito especial e única. Nos dias da Igreja primitiva existiu um tal Papias, que viveu de 70 a 146 d.C Sua paixão foi recolher toda informação que poderia chegar a suas mãos a respeito dos primeiros tempos da Igreja. Não era um professor famoso; Eusébio refere-se o Papias como "um homem de pouca preparação". Mas nos transmitiu informação extremamente interessante. Chegou a ser bispo do Hierápolis, mas se manteve sempre em estreita conexão com Éfeso, e nos conta seus novos métodos para seguir recebendo informações. Freqüentemente utiliza o termo *ancião* neste sentido de *um dos Pais da Igreja*, e menciona um *ancião* particularmente distinto cujo nome era João. Diz Papias:

"Não duvidarei em lhes contar junto com minhas próprias interpretações, qualquer das coisas que tenho aprendido e lembrado cuidadosamente em todo momento dos *anciãos*, garantindo sua verdade. Porque não me entusiasmo, como a multidão, com aqueles que falam muito, mas com os que ensinam a verdade; não com os que relatam mandamentos estranhos, mas com aqueles que discernem os mandamento que o Senhor lhes deu mediante a fé, e provêm da mesma fé. De maneira que se chegava alguém que dizia que tinha sido discípulo dos *anciãos,* interrogavam-no com relação às palavras dos *anciãos* — o que André ou Pedro haviam dito ou o que haviam dito Filipe ou Tomé ou Tiago ou João ou Mateus ou qualquer dos outros discípulos do Senhor; e as coisas que diz Aristeu ou o *Ancião João.* Porque não creio que o que vem dos livros me beneficie mais que o que vem da voz viva e permanente."

É evidente que o *Ancião João* era um personagem notável em Éfeso, ainda que evidentemente é distinto de João o apóstolo.

Deve ser este João quem escreveu estas duas pequenas Cartas. Por seu nome, trata-se certamente de um homem de idade, o ancião João. É um dos últimos elos sobreviventes com Jesus e seus discípulos. Foi um homem com autoridade de bispo em Éfeso e nas localidades adjacentes; e quando compreendeu que sua Igreja estava ameaçada por heresias e

distúrbios, escreveu para exortar com amoroso carinho a seus paroquianos. Aqui estão as Cartas de um ancião santo, um dos últimos da primeira geração de cristãos, um homem a quem todos amaram, a quem todos respeitaram.

Um mesmo autor

Não há dúvida alguma de que as duas Cartas pertencem a um mesmo autor. Curtas como são, têm muito em comum. 2 João começa: "O ancião à senhora eleita e aos seus filhos, a quem eu amo na verdade." 3 João começa: "O ancião a Gaio, o amado, a quem eu amo na verdade." 2 João continua: “Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade” (versículo 4); e 3 João prossegue: “Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade” (versículo 4). 2 João finaliza: “Ainda tinha muitas coisas que vos escrever; não quis fazê-lo com papel e tinta, pois espero ir ter convosco, e conversaremos de viva voz, para que a nossa alegria seja completa” (versículo 12). 3 João finaliza assim: “Muitas coisas tinha que te escrever; todavia, não quis fazê-lo com tinta e pena, pois, em breve, espero ver-te. Então, conversaremos de viva voz” (versículos 13 e 14). Há a mais estreita similitude possível entre estas duas Cartas.

Há, além disso, a mais estreita relação possível entre as situações destas duas Cartas e a de 1 João. Em 1 João 4:3 lemos: “E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.” Em 2 João 7 lemos: “Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo.”

Não há dúvida que 2 e 3 João estão estreitamente conectadas entre si, e que ambas estão em estreita conexão com 1 João. Tratam com a mesma situação, os mesmos perigos, e as mesmas pessoas.

O problema da Segunda Carta

Estas duas pequenas Cartas nos confrontam com uns poucos problemas sérios. O único verdadeiro problema é decidir se a Segunda Carta foi enviada a uma pessoa ou a alguma Igreja. O começo da Segunda Carta: "O ancião à senhora eleita e aos seus filhos", expõe o problema central da expressão *a senhora eleita.* O grego é *eklekté kyria*. Há três respostas prováveis a nosso problema.

(1) É tão somente possível, ainda que não pode dizer-se que seja provável, que *Eklekté* seja um nome próprio, e *kyria* uma maneira afetuosa de dirigir-se a ela. A palavra *kyrios* (a forma masculina) tem muitos significados. Freqüentemente significa *senhor*; significa *amo* de escravos e *proprietário* de posses. E numa acepção muito mais alta, *Senhor;* esta é a palavra usada freqüentemente para referir-se a Jesus. Na correspondência, esta palavra *kyrios* tem um uso muito particular. É virtualmente o equivalente da expressão *Querido*. Assim, um soldado escrevia a sua casa com esta fórmula: *Kyrie mou pater*, Querido pai, como dizemos usualmente. Nas cartas, *kyrios* é um cabeçalho que combina carinho e respeito. Seria possível, pois, que esta Carta tivesse sido dirigida a *Minha querida Eklekté*.

Rendel Harris, em realidade, chegou a dizer que 2 João não era outra coisa senão uma carta de amor cristão. Isto é improvável, como veremos, por mais de uma razão. Mas uma coisa é decisiva contra isso. 2 João finaliza: “Os filhos da tua irmã eleita te saúdam.” Agora, mais uma vez a palavra em grego é *eklekté*; e se se tratasse de um nome próprio no começo da Carta, também deveria sê-lo na terminação da Carta. De ter sido assim, teríamos que aceitar que houve duas irmãs, ambas chamadas com o nome muito incomum *Eklekté*, o que resulta impossível.

(2) Na frase *eklekté kyria*, seria possível tomar *Kyria* como nome próprio, já que havia pessoas chamadas desta maneira. De modo que deveríamos tomar *eklekté* em sua acepção comum no Novo Testamento; e a Carta estaria então dirigida à *eleita Kyria*.

São três as objeções contra esta solução.

(a) Parece improvável que qualquer indivíduo em particular pudesse ser invocado como amado por todos aqueles que tinham conhecido a verdade (versículo 1).

(b) O versículo 4 diz que João se alegrava quando encontrava a alguém de seus filhos andando na verdade; infere-se que outros não andavam dessa "maneira, o que parece implicar um número maior de pessoas que o de uma só família.

(c) Mas a objeção decisiva é que ao longo da Carta a *eklekté kyria*, a senhora eleita, é invocada às vezes em singular e às vezes em plural. Ocorre em singular nos versículos 4, 5 e 13; e em plural nos versículos 6, 8, 10 e 12. É virtualmente impossível que o autor se dirigisse desta maneira a uma só pessoa.

(3) Por tudo o que se disse, pois, chegamos à conclusão de que a frase *a senhora eleita* refere-se à *Igreja*. Há, de fato, boas evidências em favor do uso dessa expressão. 1 Pedro, finaliza com saudações de "a Igreja que está em Babilônia, escolhida junto com vós" (1 Pedro 5:13). O grego diz literalmente: "a escolhida em Babilônia", e *a Escolhida* é feminino. Sempre houve muito poucos que duvidassem de que a expressão se referisse à *Igreja que está em Babilônia*, e desta maneira também devemos tomá-la na Carta de João. Sem dúvida, a expressão *a senhora eleita*, usada com referência à Igreja, leva-nos a idéia da Igreja como a Esposa de Cristo. E já estamos totalmente seguros de que 2 João foi enviada, não a um indivíduo, mas sim a uma Igreja.

O problema da Igreja primitiva

Segunda e Terceira João revestem muita importância e interesse porque arrojam luz sobre um problema que mais cedo ou mais tarde teria que surgir na organização da Igreja primitiva. Vejamos se podemos reconstruir essa situação. É evidente que o ancião se considera com direito de agir de guia e conselheiro e para administrar advertências e

exortações àquelas Igrejas cujos membros são seus filhos. Em 2 João escreve daqueles que andam na verdade (versículo 4), e por implicação infere que há outros que não vivem da mesma maneira. Esclarece, além disso, que há mestres itinerantes no distrito, alguns dos quais estão pregando doutrinas errôneas e perigosas, e lhes ordena que semelhantes mestres não sejam aceitos e não recebam hospitalidade (versículos 7-11). Aqui, pois, João está exercitando o que é um direito de repartir ordens a suas Igrejas, e procura preveni-las contra uma situação na qual podem chegar em qualquer momento os mestres mentirosos.

O pano de fundo de 3 João é um tanto mais complexo. A Carta está dirigida a uma pessoa com o nome de Gaio, cujo caráter e ações João aprova sobremaneira (versículos 3-5). Missionários itinerantes chegaram à Igreja como colaboradores da verdade, e Gaio lhes brindou uma hospitalidade realmente cristã (versículos 6-8).

Na mesma Igreja há outro homem chamado Diótrefes, a quem gosta de ter o primeiro lugar (versículo 9). Diótrefes é descrito como um personagem ditatorial que quer exercer sua autoridade sem rivais. Negou-se a receber e hospedar aos missionários cristãos, e de fato procurou jogar da Igreja àqueles que recebiam os missionários. Não quer saber nada com os mestres itinerantes mesmo quando estes sejam verdadeiros pregadores da Palavra (versículo 10).

Depois João introduz em seu relato a um tal Demétrio, um homem excelente segundo seu testemunho (versículo 12). Demétrio deve ter sido líder de algum desses grupos missionários, que estava em marcha rumo à Igreja a qual escreve João. Diótrefes certamente não quererá ter nada que ver com eles e tratará de escutar àqueles que os recebam.

E João escreve a Gaio para lhe pedir que receba os mestres missionários, sem temer a Diótrefes, com quem ele (João) quer conversar pessoalmente quando puder ir (versículo 10). Toda a situação gira em torno dos missionários ambulantes. Gaio os recebeu antes, e João insiste com ele a que volte a fazê-lo, e também a seu líder

Demétrio. Diótrefes se negou a recebê-los, e lhes fechou a porta, desafiando a autoridade do ancião João.

O tríplice ministério

Tudo isto apresenta uma situação infeliz, como realmente o era. Não obstante, era uma situação que devia surgir. Pela natureza das coisas na Igreja tinha que surgir o problema do ministério. Nos primeiros tempos da Igreja houve três diferentes tipos de ministérios.

(1) Havia os *apóstolos*. Estes eram posicionados acima de outros, acompanharam a Jesus e foram testemunhas da ressurreição. Eram os líderes indiscutidos da Igreja. Seu ministério e autoridade não estava limitado a um lugar em particular; seus direitos eram exercidos através de toda a Igreja; em qualquer país e em qualquer congregação seu ministério era supremo.

(2) Havia os *profetas*. Estes não eram atribuídos a nenhuma congregação em especial. Eram pregadores itinerantes, que iam aonde o Espírito os levasse, com a mensagem que o Espírito lhes dava. Tinham renunciado a seus lares e tarefas, e às comodidades e a segurança de uma vida estabelecida para ser missionários que levavam a mensagem de Deus. Eles também ocupavam um lugar muito importante nas congregações. *A Didaquê*, ou *Doutrina dos Doze Apóstolos*, é o primeiro livro de disciplina eclesiástica. Em suas páginas se esclarece a posição única dos profetas. Traz liturgias para a Eucaristia e orações. O serviço termina com a oração de ação de graças, transcrita em sua totalidade; e então aparece a frase: "Mas aceitem que os profetas dêem graças tanto quanto eles queiram" (*Didaquê* 10:7). Os profetas não estavam submetidos às regras e preceitos que governavam o povo comum. Assim, pois, a Igreja dispunha de dois grupos de pessoas cuja autoridade não estava confinada a alguma congregação em especial, e que tinham o direito de entrar em qualquer congregação e em todas.

(3) O terceiro tipo de ministério era o dos *anciãos*. Parte da tarefa de Paulo e Barnabé durante sua primeira viagem missionária foi ordenar *anciãos* em todas as Igrejas locais que eles fundavam (Atos 14:23). Os anciãos eram os dirigentes das comunidades estabelecidas; sua tarefa estava dentro de sua congregação, e não se afastavam dela. Não eram ambulantes nem itinerantes, estabeleciam-se definitivamente num lugar e, em conseqüência, evidentemente constituíam a coluna vertebral da organização da Igreja primitiva. Deles dependiam a tarefa rotineira e a solidez de cada congregação.

O problema dos pregadores itinerantes

A posição dos apóstolos não apresentava nenhum problema real; eram únicos, e sua posição nunca poderia ser realmente discutida. Mas os profetas e os pregadores ambulantes constituíam um problema. Sua posição se prestava a abusos. Tinham um prestígio enorme; e era possível que as pessoas mais indesejáveis adotassem um tipo de vida o que lhes permitia ir de lugar em lugar vivendo comodamente às custas das congregações locais. Um indivíduo ardiloso poderia passar uma boa vida como profeta itinerante. Até os satíricos pagãos viam esta possibilidade.

Luciano, um escritor grego, em seu livro chamado o *Peregrinus*, retrata um homem que tinha encontrado a maneira mais cômoda de viver sem trabalhar. Era um enganador itinerante que nadava na abundância percorrendo as comunidades de cristãos, e detendo-se onde queria, levando uma vida de luxo a seus gastos. Este abuso até os pagãos o perceberam. A *Didaquê* viu com clareza este perigo, e estabeleceu uma série de normas para enfrentá-lo. Estas normas são muitas, mas arrojam uma luz tão esclarecedora sobre a vida da Igreja primitiva, que merecem transcrever-se em sua totalidade (*Didaquê* 11 e 12).

Recebam a qualquer um que chegue até vós para vos ensinar essas coisas já mencionadas. Mas se o próprio mestre vos ensina outras doutrinas para vos perverter, não os escutem. Mas se for para o crescimento da justiça e do conhecimento do Senhor, recebei como ao Senhor. E no referente aos apóstolos e profetas, de acordo com o mandato do evangelho, assim fazei vós. Que todo apóstolo que chega a vós seja recebido como o Senhor. E que fique um dia e, se precisar, o seguinte também; mas se ficar três, é um falso profeta. E quando o apóstolo partir, que nada leve senão pão, até que chegue à sua estalagem; mas se vos pede dinheiro, o tal é um falso profeta. E não tenteis julgar a todo profeta que vos fale no Espírito, porque todo pecado será perdoado, mas este pecado não o será. Porém nem todo que fale no Espírito é um profeta, mas sim aquele que tem as maneiras do Senhor. Por suas maneiras, pois, serão conhecidos o profeta e o falso profeta. E nenhum profeta que ordene uma comida no Espírito come dela, ou é um falso profeta. E todo profeta que ensina a verdade, e não faz o que ensina, é um falso profeta... Qualquer um que diga no Espírito: dai-me dinheiro, ou qualquer outra coisa, não o escuteis; mas se vos pede que lhe dêem para outros que estão em necessidade, que ninguém o julgue.

Todo aquele que chega em nome do Senhor seja recebido, e logo, quando o tiverem provado, sabereis, porque tereis entendimento para distinguir entre a mão direita e a esquerda. Se aquele que vos chegar um forasteiro, ajudai no que possais; mas não se ficar entre vós mais de dois ou três dias, a menos que seja necessário. Mas se insistir em ficar entre vós, e é um artesão, deixai-o trabalhar e comer. Mas se não tem ofício, lembrai-vos do que aprendestes, segundo nosso juízo, cuidai para que não viva ocioso entre vós, se for um cristão. Mas se ele não quer fazer isto, é um traficante de Cristo: dos tais cuidai-vos.

A *Didaquê* constrói uma série de palavras compostas, como *traficante em Cristo, aproveitador em Cristo*, etc, para descrever este tipo de pessoas.

A passagem citada mostra vividamente o verdadeiro problema dos mestres ambulantes. João tinha razão ao proceder desta maneira, ao advertir os crentes que essa classe de profetas ambulantes podiam aparecer pedindo hospitalidade. Também tem razão quando pede que não os receba por nenhum motivo. Não há dúvida de que nos primeiros

tempos da Igreja estes pregadores e profetas causavam grandes problemas. Alguns deles eram hereges, ainda que estivessem sinceramente convencidos do que ensinavam. Outros não eram mais que pessoas ardilosas que tinham encontrado uma maneira fácil de viver comodamente. Este é o quadro que há por trás de 2 João.

O choque de ministérios

Mas a situação que transcreve 3 João é, em certo sentido, ainda mais delicada. A figura problemática é Diótrefes. É o homem que não quer fazer absolutamente nada pelos mestres ambulantes, que lhes fecha as portas, e que busca expulsar a qualquer dos irmãos que abra seu lar aos missionários. É o homem que se nega a aceitar a autoridade de João, e a quem João descreve como de uma personalidade despótica. Mas há muito mais por atrás deste conflito evidente. Não era uma tormenta num copo de água. Era uma fenda fundamental. Era o choque entre os ministérios local e itinerante. Claro que toda a estrutura administrativa da Igreja dependia de um forte ministério localizado. Quer dizer, a mesma autêntica vitalidade da Igreja dependia de que houvesse um corpo de anciãos forte e autoritário.

Com o transcurso do tempo, o ministério local tinha que ressentir-se em face do controle remoto até de alguém tão famoso como o próprio ancião João; e se sentiria ofendido diante das muito possíveis e trastornadoras invasões de profetas ambulantes e evangelistas itinerantes. Não era impossível que por boas que fossem suas intenções, esses evangelistas e profetas itinerantes fizessem mais mal que benefício às Igrejas locais. Esta é a situação por trás de 3 João. João representa o antigo controle apostólico; Demétrio e seus seguidores representam aos pregadores e profetas ambulantes; Diótrefes representa o ministério estabelecido, e os anciãos locais, que querem dirigir suas próprias congregações, e que vêem nos pregadores itinerantes prováveis intrusos

perigosos. Gaio representa ao bom, ao homem bom no sentido da palavra, que se rasga no conflito e não pode conciliar suas posições.

O que ocorreu neste caso, não sabemos. Mas o fim da questão na Igreja foi que os pregadores itinerantes desapareceram da cena, e os apóstolos, naturalmente, passaram deste mundo, e o ministério estabelecido se constituiu no ministério da Igreja.

Em certo sentido, o conflito entre o evangelista itinerante e o ministério estabelecido ainda não foi totalmente resolvido na Igreja; mas estas duas breves Cartas constituem-se no mais fascinante interesse porque nos mostram a organização da Igreja num período de transição, quando o choque entre os ministérios itinerante e estabelecido começa a suscitar-se. E, quem sabe? Talvez Diótrefes não fosse tão mau como é pintado, e pode não ter estado totalmente equivocado.

2 João 1

A senhora eleita - 1-3
O amor e a verdade - 1-3 (cont.)
Superando as dificuldades - 4-6
O perigo que ameaça - 7-9
Não contemporizar - 10-13

A SENHORA ELEITA

2 João 1-3

O autor desta Carta se denomina a si mesmo *o ancião*. A palavra *ancião* tem três acepções.

(1) Pode ser simplesmente *um homem velho*, que em virtude de seus anos e experiência é merecedor de afeto e respeito. Poderia haver aqui algo deste significado. A Carta pertence a um ancião servidor de Cristo e da Igreja, um servo repleto de anos e de prestígio.

(2) No Novo Testamento, os *anciãos* são os *dirigentes das congregações locais*. Eles foram os primeiros dirigentes da Igreja, e

Paulo apartava e ordenava *anciãos* em suas Igrejas durante suas viagens missionárias, logo que lhe era possível fazê-lo (Atos 14:21-23). A palavra não deve usar-se neste sentido na presente passagem, visto que esses anciãos eram dirigentes oficialmente constituídos, cuja autoridade e deveres estavam confinados à congregação na qual ministravam, enquanto que o ancião desta Carta evidentemente tem uma autoridade que se estende a uma região muito vasta. Ele reclama o direito de aconselhar, admoestar e exortar as congregações em lugares onde não reside pessoalmente.

(3) É quase seguro que esta Carta tenha sido escrita em Éfeso, na província da Ásia. Na Igreja localizada na Ásia, a palavra *ancião* era empregada de uma maneira muito peculiar, virtualmente característica da região e de nenhum outro lugar. Os anciãos eram homens que tinham sido discípulos diretos dos apóstolos; deles nos dizem tanto Papias como Irineu, que viveram e trabalharam na Ásia, que receberam sua informação e tiraram seus dados. Os anciãos eram os vínculos diretos entre a segunda geração de cristãos e os primeiros seguidores de Cristo na carne. Nisso residia sua autoridade. Aqui a palavra é usada indubitavelmente neste sentido. O autor da Carta é um dos últimos vínculos diretos com Jesus Cristo, e nisso radica sua autoridade para falar.

Tal como já o antecipáramos na introdução a estas Cartas, a expressão *a senhora eleita* constitui um problema. Temos duas sugestões.

(1) Há aqueles que sustentam que esta Carta foi escrita a *uma pessoa em particular*. Em grego, a frase é *Eklekté Kyria*. *Kyrios* (adjetivo masculino) é uma fórmula freqüente para encabeçar a correspondência, e *Eklekté* poderia ser quase possivelmente — ainda que não provavelmente — um nome próprio, em cujo caso como a Carta estaria dirigida a *Minha Querida Eklekté*. *Kyria*, além de ser uma expressão de respeito, pode ser muito definidamente um nome próprio, em cujo caso *eklekté* seria um adjetivo, e a Carta estaria dirigida à *eleita*

Kyria. Também poderia ser que *ambas as* palavras fossem nomes próprios, em cujo caso a Carta estaria dirigida a uma senhora chamada *Eklekté Kyria*. Mas se esta Carta está escrita a uma pessoa em particular, é muito mais provável que *nenhuma* das palavras seja um nome próprio, e que se tenha traduzido acertadamente *a senhora eleita*. Como era de esperar, houve muitas conjeturas com relação à identidade desta senhora escolhida. Só podemos mencionar duas das sugestões.

(a) Sugeriu-se que *a Senhora Eleita* não é outra senão Maria, a mãe de nosso Senhor. Maria foi como uma mãe para João, e João como um filho para ela (João 19:26-27), e uma carta pessoal de João bem poderia ser para ela.

(b) *Kyrios* significa *Senhor*; e *Kyria* é um nome próprio que significaria *Senhora*. Em latim, é o mesmo nome, é *Domina*; e em aramaico, *Marta*; ambas as palavras também significariam *Senhora* ou *Dama*; daí que se tenha sugerido que foi escrita a Maria de Betânia.

(2) É muito mais provável que esta Carta tenha sido escrita a uma *Igreja*. Ainda mais: é provável que se trate de uma Igreja amada por todos os que conhecem a verdade (versículo 1). O versículo 4 diz que alguns de seus filhos andam na verdade. Nos versículos 4, 8, 10 e 12 suas palavras *teus / vós* no plural, muito provavelmente se refiram a Igreja. Finalmente, vemos que Pedro usa quase exatamente a mesma expressão quando ao terminar sua Carta envia saudações da *eleita* (forma feminina), que está em Babilônia (1 Pedro 5:13).

Bem pode ser que esta dificuldade seja provocada. Talvez se quis que fosse impossível identificar o destinatário. A Carta foi escrita em momentos em que aumentavam as perseguições. Se tivesse caído em mãos inimigas, a situação teria ficado tornado difícil. E bem pode ocorrer que a Carta tenha sido dirigida de tal maneira que, para os interiorizados seu destino estava claro, e para os estranhos pareceria uma carta pessoal de um amigo a outro. Em realidade, o cabeçalho pode ter sido um hábil intento de despistar a qualquer adversário em cujas mãos a Carta poderia cair; e sendo este o caso, a nossa dificuldade para

interpretar o provável destinatário, quer fosse uma pessoa quer uma Igreja, é um tributo à destreza de João.

O AMOR E A VERDADE

2 João 1-3 (continuação)

É de grande valor poder notar de que maneira nesta passagem o *amor* e a *verdade* estão inseparavelmente associados. O ancião ama à senhora eleita *na verdade*. E *por causa da verdade* ama e escreve à Igreja. No cristianismo aprendemos duas coisas a respeito do amor: só na verdade do cristianismo podemos amar e como devemos fazê-lo.

(1) A verdade cristã nos ensina como devemos amar. Lembremos sempre que *ágape* é a palavra cristã para amor cristão. *Ágape* não é a paixão com sua plenitude e sua decadência, com suas flutuações e seus estalos; *ágape* não deve tomar-se como um sentimentalismo ingênuo; não é algo fácil de adquirir nem de exercitar. *Ágape* é uma indomável boa vontade; é uma atitude que, apesar do que outros façam, jamais sente amargura e sempre procura o melhor para os outros. Existe um amor que busca possuir; há um amor que suaviza e apazigua; há um amor que dissuade o homem de suas lutas; há um amor que fecha os olhos aos fracassos, às fraquezas e aos erros que danificam. Mas o amor cristão é aquele que sempre busca o melhor para os outros, e que aceita todas as dificuldades, todos os problemas, e todos os esforços e sacrifícios que implica essa busca. É significativo que João escreva em amor, que escreva para advertir.

(2) A verdade cristã nos mostra o porquê da obrigação cristã de amar. Em sua primeira Carta, João assinala claramente tal obrigação. Falou do sofredor, sacrificial e incrivelmente generoso amor de Deus; e depois nos diz: “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1 João 4:11). *O cristão deve amar porque foi amado*. O cristão não pode aceitar o amor de Deus sem mostrar amor àqueles que Deus também ama. O amor divino põe sobre

os homens a iniludível obrigação do amor humano. Porque Deus nos ama devemos amar a outros com o mesmo amor serviçal e generoso.

Antes de terminar esta passagem devemos assinalar outra coisa. João começa sua Carta com uma saudação, mas é uma saudação muita pouco freqüente. Diz: "A graça, a misericórdia e a paz estarão convosco" (v. 3, NKJV e RC). Em todas as outras Cartas do Novo Testamento, as saudações se redigem sob a forma de um desejo ou de uma petição.

Paulo costuma dizer: "Graça a vós outros e paz."

Pedro diz: "Graça e paz vos sejam multiplicadas" (1 Pedro 1:2).

Judas diz: "A misericórdia, a paz e o amor vos sejam multiplicados" (Judas 2).

Em todos os casos, as saudações são um desejo ou uma petição. Mas em João, as saudações não são nem desejo nem petição: são uma *afirmação:* "Conosco *estarão* a graça, a misericórdia e a paz" (Bíblia de Jerusalém).

João está tão seguro dos dons da graça de Deus em Jesus Cristo, que, sem discutir o assunto, lhes assegura que os receberão.

SUPERANDO AS DIFICULDADES

2 João 4-6

Na igreja à qual João está escrevendo, há coisas que alegram seu coração, mas também há aquelas que o entristecem. Fica alegre ao saber que muitos de seus membros andam na verdade; mas isso mesmo significa que há muitos outros que não o fazem. Quer dizer, dentro da Igreja há uma evidente divisão, porque há aqueles que escolheram caminhos diferentes. Para todas estas preocupações, João não tem mais que um remédio: o amor. Não se trata nem de uma solução nova nem de um mandamento novo; as palavras do próprio Jesus são: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (João 13:34-35).

Só o amor pode remediar uma situação na qual as relações pessoais estão quebradas e interrompidas. A recriminação e a crítica só contribuem para suscitar ressentimentos e hostilidade; as argumentações e as controvérsias só contribuem para alargar as separações; o amor é a única coisa que pode superar e restaurar a relação perdida.

É possível que aqueles que, como João observa, se apartaram do bom caminho digam, "Nós amamos a Deus". Imediatamente, o pensamento de João se remete a outra declaração de Jesus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). O verdadeiro mandamento de Jesus é amar-nos uns aos outros e, em conseqüência, qualquer que não guarde este mandamento não ama na verdade a Deus, ainda que diga que sim. A única evidência de nosso amor a Deus é nosso amor para com os irmãos. Este é — diz João — o mandamento que ouvimos desde o princípio, e no qual devemos andar.

Mais adiante veremos outra face do assunto, e que a atitude de João a respeito daqueles que estavam seduzindo as pessoas para apartá-las da verdade, não é um mero sentimentalismo; mas é significativo perceber que sua primeira solução para todas as discórdias da Igreja é o amor.

O PERIGO QUE AMEAÇA

2 João 7-9

Já em 1 João 4:2, João referiu-se aos hereges que negam a realidade da encarnação. Aqui há uma dificuldade com o grego. Em 1 João 4:2, o grego diz que Jesus *veio* em carne. A idéia se expressa em particípio, e particípio passado. Dá-se ênfase ao fato de que a encarnação sucedeu. Bastante estranho é que aqui haja uma mudança, e o particípio apareça no tempo presente; e a tradução literal seria que Jesus *vem* ou *está vindo* em carne.

Na medida em que o idioma o permite, esta expressão pode significar duas coisas.

(1) Que Jesus está vindo sempre na carne, que há algo assim como uma continuidade na encarnação, que não se trata de um acontecimento terminado em trinta anos durante os quais Jesus esteve na Palestina, mas sim a encarnação é uma realidade permanente, de fato atemporal. É uma grande idéia, e também poderíamos dizer que agora e sempre Jesus Cristo, e Deus através dEle, está entrando na vida humana e nas situações humanas.

(2) Poderia ser uma referência à *Segunda Vinda*; e poderia significar que Jesus *está vindo novamente* na carne. Bem pode ser que na Igreja primitiva eles cressem que Jesus viria novamente em carne, um tipo de encarnação em glória que seguisse à encarnação de humilhação. Esta também seria uma grande idéia.

Mas bem pode ser que C. H. Dodd tenha razão ao dizer que num escritor como João, que não tinha o conhecimento do grego dos escritores clássicos, não podemos dar tanta ênfase aos tempos verbais; e que faremos bem em aceitar que João quis dizer o mesmo que em 1 João 4:2, e que esses enganadores estão negando a realidade da encarnação e negando em conseqüência que Deus pode entrar na vida do homem.

É extremamente significativo notar como os grandes pensadores se aferraram com ambas as mãos à realidade da encarnação. No século II, várias vezes Inácio insiste em que Jesus nasceu *verdadeiramente*, que *verdadeiramente* fez-se homem, que sofreu *verdadeiramente*, que morreu *verdadeiramente*, como se em todo momento a palavra *verdadeiramente* estivesse escrita em negrito e em vermelho e sublinhada.

O doutor Vincent Taylor, em seu livro *The Person of Christ*, lembra-nos as duas grandes realidades da encarnação. Martinho Lutero disse de Jesus: "Comeu, bebeu, dormiu, despertou; esteve cansado, triste, contente; chorou e riu; teve fome, sede e frio; conversou, trabalhou e orou... de maneira que não houve nenhuma diferença com outros homens, exceto uma só , que era *Deus*, e não tinha pecado".

Emil Brunner cita esta passagem e acrescenta: "O Filho de Deus em quem nós podemos crer, deve ser tal que seja possível confundi-lo com um homem comum."

Se Deus só pudesse entrar na vida como um fantasma imaterial, o corpo estaria desprezado para sempre; não poderia existir nunca comunhão verdadeira entre o divino e o humano; não poderia haver salvação, pois Ele teve que fazer-se o que nós somos para nos fazer o que Ele é.

Nos versículos 8 e 9, sob as palavras de João ouvimos as afirmações dos falsos mestres.

Eles pretendem estar *desenvolvendo* o cristianismo; afirmam que o estão expressando em termos novos e melhores; que estão descobrindo com maior autenticidade o que ele significa. João insiste em que estão destruindo o cristianismo, minando o fundamento que foi posto e sobre o qual tudo deve edificar-se.

O versículo 9 é extremamente interessante e significativo. traduzimos a primeira frase *todo aquele que ultrapassa*. O grego é *proagón*. O verbo significa *ir adiante, ir na frente*. Os falsos mestres diziam que eles iam na frente, que eram progressistas, que eram pensadores de vanguarda, que eram homens de mente aberta e aventureira. O próprio João era um dos mais aventurados pensadores do Novo Testamento. Mas ele insiste em que, por mais que alguém possa avançar, deve permanecer nas ensinos de Jesus Cristo, ou perderá contato com Deus.

Esta é a grande verdade. João não está condenando o progresso do pensamento; tampouco está dizendo que a doutrina cristã seja algo estático, à margem de todo progrido; o que diz é que Jesus Cristo deve ser a pedra de toque de todo pensamento, e que quem se afasta de Jesus Cristo se afasta da verdade.

João diria: "Pensem — mas que Jesus Cristo guie seus pensamentos. Pensem — e quando tiverem suas próprias idéias ponham-

nas à luz de Jesus Cristo, e à luz da imagem que de Jesus Cristo nos dá o Novo Testamento".

O cristianismo não é uma teosofia nebulosa, indefinida, descontrolada; está ancorado eternamente na figura histórica de Jesus Cristo.

NÃO CONTEMPORIZAR

2 João 10-13

Nesta passagem se ilustra claramente o perigo que João via nos falsos mestres. Não se devia recebe-los; era preciso fechar-lhes a porta na cara; e negar-lhes hospitalidade seria a melhor maneira de pôr termo a operações desses mestres ambulantes. João vai mais longe ainda: nem sequer se devia saúda-los na rua. Saudá-los era como mostrar a outros que a pessoa simpatizava com eles; deve mostrar-se claramente a todo mundo que a Igreja não tem entendimentos nem tolerância com aqueles cujos ensinos destroem a fé. Esta passagem parece à primeira vista contrariar tudo o que o próprio João disse sobre o amor e a caridade cristãos.

Mas C. H. Dodd diz algumas coisas muito oportunas sobre isto. Não é algo que não tenha paralelos. Quando São Policarpo se encontrou com o herege Marcion, este lhe disse: "Reconhece-me?" "Reconheço ao primogênito de Satanás", respondeu-lhe Policarpo. O próprio João abandonou os banheiros públicos quando entrou o herege Cerinto. "Vamos embora daqui o quanto antes possível, antes que o edifício desabe sobre nós", disse, "porque Cerinto, o inimigo da fé, está dentro."

Temos que lembrar a situação. Houve uma época em que a fé dos cristãos poderia ter sido afogada e destruída pelas especulações dos hereges com sua pseudofilosofia. A própria existência da fé estava em perigo. Foi uma situação de perigo que não tem paralelos na civilização ocidental. A Igreja não ousava nem sequer parecer que contemporizava com essa destruidora corrosão da fé.

Esta, pois — como assinala sabiamente C. H. Dodd — era uma regulamentação de emergência, e "regulamentações de emergência fazem más leis".

Podemos admitir a necessidade deste proceder na situação em que se achavam João e os seus, sem sustentar por isso que nós devamos tratar da mesma maneira os pensadores errados.

E, não obstante, citando novamente a C. H. Dodd, uma tolerância muito indulgente nunca pode ser suficiente. "O problema é achar uma maneira de viver com aqueles cujas convicções diferem das nossas com relação às questões mais importantes, sem quebrantar a caridade nem ser infiéis à verdade".

Ali é onde o amor deve achar um caminho. A melhor maneira de destruir a nossos inimigos — disse Abraão Lincoln — é convertê-los em nossos amigos. Nunca devemos contemporizar com os mestres do erro, mas jamais estaremos livres da obrigação de procurar conduzi-los à verdade.

Desta maneira João finaliza seu Carta. Não quer escrever nada mais, porque espera ir ver seus amigos, e lhes falar face a face. Tanto o grego como o hebraico dizem não *face a face*, mas sim *boca a boca*. No Antigo Testamento, Deus diz a Moisés: “Boca a boca falo com ele” (Números 12:8). João sabia muito bem que as cartas freqüentemente tergiversam uma situação, e que cinco minutos de conversação sincera podem obter o que não consegue um montão de cartas. Em muitas Igrejas, e em muitas situações pessoais as cartas só conseguiram piorar uma situação, visto que a carta escrita com mais cuidado pode ser mal interpretada, quando uma pequena conversação poderia ter arrumado as coisas.

Cromwell nunca entendeu a John Fox, o Quaker, e dissentiu muitíssimo com ele. Então o entrevistou, e uma vez que Fox lhe falou, Cromwell lhe disse: "Se você e eu passássemos juntos uma hora, seriamos melhores amigos do que somos". Os conselhos eclesiásticos e

os membros das Igrejas fariam bem em resolver não escrever jamais quando podem falar.

A Carta termina com saudações da Igreja de João aos amigos aos quais vai endereçada; saudações, como se fosse dos filhos de uma irmã aos de outra, pois todos os cristãos são membros de uma mesma família na fé.